

## **FRONTEIRAS CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS: NOVOS SIGNIFICADOS E A CONSTITUIÇÃO DA NEGOCIAÇÃO NO CIBERESPAÇO**

*Wagner Vinhas\**

### *Resumo*

O artigo pretende discutir a cibercultura através da noção de fronteira e negociação cultural. Os atuais processos tecnológicos pressionam as fronteiras nacionais e tencionam mudanças que recaem sobre a definição dos territórios e identidades culturais no cenário contemporâneo. Em meio a essa (re)definição da estrutura social, o artigo busca traçar um entendimento da história como possibilidade relacional entre os conjuntos tecnológicos e as sociedades na produção da vida humana, assim como, na constituição da vida contemporânea.

### *Palavras-chave*

Cultura - Cibercultura - Identidade

### *Abstract*

The article intends to argue the ciberculture through the border notion and cultural negotiation. The current technological processes pressure the national borders and intend changes that fall again on the definition of the territories and cultural identities into the scene contemporary. In way to this definition of the social structure, the article searches to trace an agreement of history as relationary possibility between the technological and the societies in the production of the life human being and life contemporary.

### *Key Words*

Culture - Cyberculture - Identity

### **INTRODUÇÃO**

Abordar os sistemas culturais tem exigido uma gradativa complexificação dos métodos de investigação, particularmente, quando nos damos conta de que os meios de comunicação e informação desempenham um papel cada vez mais importante na estruturação da dinâmica cultural. O fluxo de informação abriu fissuras nas rígidas fronteiras da modernidade e explodiu as culturas nacionais em fragmentos identitários. Chegado o fim das grandes narrativas, novos discursos passam a compor o cenário de (re)definição da vida contemporânea e servem como matéria prima para novas abolições na estrutura social vigente. Isso vem ocorrendo porque uma significativa parcela das mudanças é resultado de processos intermediados pelas novas tecnologias. Nos acostumamos tanto a falar da revolução das novas tecnologias na constituição da estrutura social contemporânea que, muitas vezes, esquecemos que as revoluções tecnológicas estão presentes

em todos os momentos da história das sociedades. A densidade tecnológica das sociedades ocidentais vem sendo tecida ao longo dos últimos séculos, em sucessivos avanços, contínuas descobertas e permanentes (re)definições dos modelos tecnológicos.

A constituição do que chamamos de pós-modernidade apresenta um modo ambíguo de se relacionar com a vida contemporânea. Na liminaridade entre o global e o local e entre a cultura nacional e as novas possibilidades dos territórios fronteiriços. Novos símbolos, códigos, imagens e representações surgem através da negociação entre dois mundos: o cotidiano a qual estamos ligados e o virtual na qual nos conectamos. Dessa forma, permite o surgimento de um novo modo de significar e produzir a vida humana. A fragmentação das identidades nacionais em paisagens culturais engloba algumas das clássicas categorias sociológicas e demonstra uma maturação tecida na sua própria *(in)visibilidade*. Os atuais eventos são consequência de uma situação insustentável que vinha perdurando por um longo tempo, assim

como, o anúncio de mudanças que colocam atores e agências em um cenário mais amplo.

Para que possamos nos aproximar de uma possível compreensão acerca do papel da tecnologia na vida social e a relação que cultuamos com os conjuntos de técnicas, não é suficiente a investigação dos seus contínuos avanços, mas, também, as causas que definem uma certa tendência na produção e manipulação dos modelos tecnológicos. A história das sociedades e das técnicas em muitos momentos se confunde. Simplesmente, não podemos determinar qual ou quem está (re)definindo a estrutura social. Isso ocorre, principalmente, pela dificuldade de separarmos produto/produzidor, subjetividade/objetividade, realidade/virtualidade na constituição do que vivemos ou presenciamos.



#### **TECNOLOGIAS SOCIAIS E A ESTRUTURAÇÃO DO CONTEMPORÂNEO**

Não é raro encontrarmos trabalhos sociológicos que se limitam a ressaltar o papel das novas tecnologias na mudança da estrutura contemporânea, sem, no entanto, relacionar as transformações com a intencionalidade por detrás do esforço de produzir o avanço tecnológico. Esquecemos que o homem ao produzir sua existência transforma a natureza em um produto social e que também é objeto das ciências sociais. O produto da atividade humana carrega forma e funcionalidade que reflete a subjetividade de uma época, sociedade ou grupo. Não é verdade que organizamos as tecnologias em grupos diferenciados de saber, gosto, hierarquia etc? Por mais próximas que sejam, as tecnologias médicas são diferentes das tecnologias informacionais e assim sucessivamente os subconjuntos de técnicas servem aos diferentes tipos de profissionais, especialidades e grupos econômicos. Neste sentido, os conjuntos de técnicas estão intimamente ligados a atividade de transformar a natureza, na sua potência, em produtos para suprir a vida humana. Trata-se de uma relação milenar entre os grupos humanos e as técnicas produzidas socialmente. Esquecer da natureza social das técnicas é deixar escapar o que Heidegger designou de *essência da técnica* e o fato de que essa essência não é uma coisa técnica.

Não podemos esquecer que elaboramos estratégias com as mais variadas técnicas e que reconstruímos periodicamente as formas de

subsistir sobre o planeta. É importante percebermos que a história das sociedades e das técnicas caminha lado a lado. Eu penso que são indissociáveis ao produzirem a existência humana. O que mais poderia querer dizer Milton Santos (2001), quando afirma que em cada época existe um conjunto de técnicas que define o grau de desenvolvimento da sociedade? Na história existem diversos exemplos de conjuntos de técnica associados a algum tipo de avanço social.



É importante também esclarecer que reconheço a revolução das novas tecnologias, apenas não a entendo como a única possível ou a única ocorrida. A história guarda inúmeros exemplos de revoluções surgidas com o aparecimento de algum novo conjunto de técnicas. O fogo na pré-história, a agricultura na história antiga, a imprensa medieval, a biologia renascentista, as modernas técnicas de navegação e as tecnologias computacionais em nossa era. Somente quando olhamos o sucessivo progresso das técnicas, é que podemos perceber uma maior perenidade tecnológica antes que a modernidade instituisse uma necessidade voraz de intervir na realidade e através de avanços cada vez maiores nos conjuntos de técnica.

Se pensarmos em termos arqueológicos, vamos nos deparar com a origem do uso das técnicas apenas com o gênero *Homo Habilis*. O primeiro dos *Homo Sapiens* lidava com tecnologias expressas em uma pequena variedade de ferramentas e que eram feitas com poucas matérias primas, principalmente, extraídas de árvores e rochas. No entanto, esse singular conjunto de técnicas trouxe mudanças importantes para o deslocamento da natureza do homem. Não resta dúvida da importância do fogo na mudança da produção da vida concreta e simbólica dos

---

hominídeos. Devemos ao fogo a possibilidade de dormir com segurança nas noites sempre rondadas por predadores a espreita, assim como, a produção de calor para enfrentar as temperaturas mais baixas, sem contar, as mudanças nos hábitos alimentares. O mesmo pode ser dito em relação a agricultura na formação do que é hoje o modo de viver das sociedades modernas.

As primeiras aglomerações foram iniciadas em torno da produção agrícola, quando os grupos passaram a satisfazer coletivamente as necessidades de seus membros. A foice e a enxada fazem parte de um conjunto de técnicas responsável pela fixação do homem, surgimento das vilas e consolidação do processo civilizacional. Sem a produção agrícola, os grupos viviam como nômades, vagando em busca de alimentos. Esse conjunto representa uma revolução para a sua época e uma força suficiente para modificar a realidade de incontáveis grupos sobre o globo. A historiografia ressalta o Egito como berço dessa prática milenar, mas, falta (re)construirmos a história dos demais continentes. Uma delas é a do continente americano. Sabemos, principalmente, pelos relatos dos conquistadores, que existiam muitos grupos que utilizavam a agricultura no continente. A produção agrícola era apenas um dos muitos saberes dos ameríndios e que ainda dominavam a astronomia, a arquitetura, as artes etc. É uma história que precisa ser contada, assim como, de inúmeros outros grupos que viviam apartados da idéia de um possível berço da cultura civilizacional. Por hora, basta assinalarmos que a história dos diferentes conjuntos de técnicas e as mudanças que provocam em cada cultura são insuficientes para fecharmos muitas questões que se encontram abertas.

De maneiras diferentes, dependendo das necessidades e conforme o ecossistema, nos especializamos em construir determinadas técnicas adequadas ao nosso modo de vida. O modo de viver ocidental domina o centro da construção da realidade há pouco tempo. Antes, outras visões diferenciadas de mundo haviam sido elaboradas. Basta olharmos para o Oriente e percebemos que as realidades convivem simultaneamente. Existem horas que elas se aproximam e de modo mais corrente se afastam. Durkheim ressaltou na sua visão de sociedade essa força que tanto pode exercer uma atração como o contrário. Os laços entre as sociedades mudam para se ajustar ao mundo interior e exterior.

Não existe sociedade definitivamente

parada. Todas elas estão mudando ao seu tempo. É um processo que apresenta semelhanças com o que o universo trava com a lei da entropia e que leva todas as coisas a um nível de energia incapaz de gerar trabalho. Apenas quando não há mais energia para produzir a vida, é que uma sociedade poderá estar parada no tempo. Quando isso acontecer, não restará mais nenhum membro para dar continuidade ao que existe até aquele momento. Por isso, continuamente renovamos nossos estoques e cuidamos para que os frutos continuem sendo gerados.

Estamos historicamente fazendo diferentes usos das técnicas para produzir a vida sobre o planeta. Contudo, na contemporaneidade existe uma compulsão pela tecnologia que parece não ter existido em nenhuma outra época. Nenhuma outra dependeu tanto da renovação das técnicas como a modernidade. A vocação contemporânea, na produção de aparatos tecnológicos, é uma herança marcante das aglomerações modernas. Não é possível falar da modernidade sem considerarmos a presença decisiva das técnicas e da ciência. Aliás, elas são as grandes aliadas na construção do moderno e no que possibilitou as inúmeras transformações ao longo dos últimos séculos. Anterior a 1492, a Europa ocupava uma posição periférica no sistema ético, econômico, social e cultural do planeta. Segundo Dussel (2002), apenas depois da conquista das Américas, quando a Europa anexa o continente as suas posses, é que os países europeus passaram a ter uma vantagem competitiva perante os demais. A constituição do sistema-mundo se torna possível apenas com o aprimoramento das técnicas de navegação (caravela, bússola, pólvora etc) e somente a partir desse momento que os ideais e os valores greco-romanos passam a serem universais.

Um conjunto de técnicas não existe de modo aleatório e não surge ao acaso. Investigar a produção das tecnologias exige um reconhecimento que vai além do entendimento do progresso sucessivo das técnicas. Trata-se de uma investigação que considere a complexidade dos hominídeos nas suas múltiplas dimensões. Devemos considerar os medos, os desejos, os sonhos, enfim, tudo aquilo que faz uma sociedade ou uma época produzir determinadas tecnologias. É importante também compreender as causas que definem a sua aplicabilidade entre aqueles que as manipulam. As técnicas estão carregadas da subjetividade humana e não é possível pensar o

atual conjunto de técnicas sem estar ciente de que é resultado de uma determinada forma de pensar, ou seja, uma lógica particular.

Estamos na maior parte do tempo reproduzindo nossos conjuntos de técnicas sem fazermos nenhuma crítica a respeito, simplesmente, continuamos a naturalizar o modelo social vigente. Penso que isto assume uma importância crucial para esclarecer o funcionamento de dispositivos que perpetuam a estrutura da vida moderna e dos que confrontam essa mesma estrutura. Conforme Canclini (1998), entre os artesões existe uma busca constante por incorporar novas técnicas às aquelas existentes. Novas técnicas e temas fazem parte do repertório da produção de um crescente número de artistas populares. Os meios de comunicação de massa representam a potencialidade de organizar e mobilizar grupos que até então viviam sem grande expressão no cenário de debate e decisão. Os estudos de Martín-Barbero (1997), demonstram que os meios de comunicação trouxeram novas possibilidades de interação social e expressão da cultura popular. Chega a sugerir que nos debruçemos mais sobre o conteúdo (processo) da informação de massa, do que mesmo dos meios envolvidos. Segundo Habermas (1968), os setores dominantes impõem seus interesses não somente mediante a tecnologia, mas como tecnologia. Não podemos ignorar a densidade tecnológica encontrada nas sociedades ocidentais e cuja atividade vem modificando substancialmente a estrutura social de países como a Coreia do Sul e o Japão, acompanhados de perto pelos EUA e a China. São países com um alto nível tecnológico e por isso são denominados de *sociedades tecnológicas* [1].

Nas sociedades tecnológicas, a intermediação da tecnologia perpassa um número cada vez maior de processos sociais. A estrutura topológica e morfológica apresenta mudanças significativas em relação a estrutura tradicional, repercutindo no sistema econômico, político, social e cultural. Neste sentido, apresenta uma ruptura com o modelo moderno e que se reflete através do deslocamento do centro de poder, para uma estrutura onde não há um centro, mas centros que continuamente se alternam. Essa forma estrutural é propiciada pelas condições concretas criadas pela aplicação das novas tecnologias. A estrutura interconectada permite um fluxo maior de informações e que repercutem nas decisões e na execução das estratégias sociais.

Na corrida tecnológica, o Estado-Nação e o Capital Financeiro saem na frente. Munidos das condições favoráveis, estão continuamente re-elaborando suas estratégias sociais. Numa época em que os aglomerados empresariais concentram mais riquezas do que o PIB de qualquer nação mundial, não é de estranhar que a concentração de financiamentos esteja sujeita aos seus interesses. Um grande número de tecnologias produzidas socialmente está relacionado com a lógica pragmática e muitas vezes reducionista dos interesses econômicos. Essa subjetividade perpassa as diversas camadas sociais e pressiona um modo homogêneo de conceber e produzir modelos tecnológicos. Acompanhando grupos juvenis recifenses na produção de softwares, pude verificar que o processo de criação apresentado pelos jovens segue uma lógica que se aproxima daquela encontrada entre os programadores da iniciativa privada. As representações dos jovens da periferia metropolitana do Recife estão impregnadas pela subjetividade predominante e o mesmo pode ser verificado em relação à aplicação tecnológica no terceiro setor. O grande número de aplicativos existentes ou desenvolvidos não se diferencia em nada daqueles encontrados no setor privado. Parece ser uma tarefa difícil transpor o modo de fazer organização e mobilização social na hora de construir as ferramentas tecnológicas.

---

*Os processos de comunicação não reconhecem as fronteiras rígidas da modernidade e continuamente (re)definem novos territórios e novas formas de organização e relações sociais.*

---

Embora a sociedade civil, pelos menos uma boa parte das organizações e movimentos sociais, tenha avançado significativamente na sua prática social, isso, não parece ocorrer com a produção tecnológica. Se olharmos as produções existentes, veremos pouca diferença em relação aos que são produzidos pelos demais setores ligados ao modo de produção capitalista. Não quero dizer com isso que a aplicação tecnológica por parte da sociedade civil não exista. Não se trata disso. As novas

---

tecnologias foram responsáveis pelo surgimento da *sociedade civil global* e com ações sociais simultâneas em vários continentes. Um estágio mais avançado da democratização da informação apenas foi possível com o uso da Internet.

---

*Diferentes tradições e paisagens culturais fazem parte dessa manifestação que denominamos de cibercultura.*

---

A produção tecnológica trouxe uma série de benefícios na descentralização das estruturas de poder. Elas permitiram uma relativa “visibilidade” aos grupos minoritários e auxiliaram a estruturação de novas estratégias contra-hegemônicas. Contudo, se analisarmos o processo recente da TV Digital, então concluiremos que a escolha do modelo a ser adotado torna inviável a sua apropriação por parte de entidades e movimentos sociais, assim como, pelas comunidades periféricas. Trata-se de um processo sempre muito conflituoso. As novas tecnologias são a força propulsora do desenvolvimento contemporâneo e estão rodeadas pelos mais diferentes interesses dos setores sociais. A (re)produção das técnicas significou e significa a possibilidade de transformar a realidade de uma época. São partes indissociáveis da vida humana, seja qual for o nível tecnológico apresentado e seja qual for a sua aplicação. No fundo são questões importantes para entendermos, a partir de um determinado prisma, as razões que levam as sociedades constituírem um determinado modo de existência e a intencionalidade existente por detrás da construção e aplicação dos seus modelos tecnológicos.

**QUEBRA DE FRONTEIRAS E FRAGMENTAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS**

O fluxo contínuo de informações promovido pelas tecnologias de comunicação e informação cria uma tensão sobre a estrutura das sociedades modernas. As transformações revelam mudanças significativas desencadeadas por

processos que atuam em escala global e que atravessam as fronteiras nacionais. Os processos de comunicação não reconhecem as fronteiras rígidas da modernidade e continuamente (re)definem novos territórios e novas formas de organização e relações sociais. Tais fenômenos revelam a contínua estruturação e reestruturação, definição e redefinição, significação e resignificação que passa a vida social contemporânea. Do ponto de vista sociológico, trata-se de novas possibilidades de perceber e conceber a estrutura social e que tende a nos afastar da idéia clássica de cultura nacional e de sujeito integral.

A idéia de cultura nacional desempenhou um importante papel na consolidação da modernidade. A expressão do sentimento coletivo, disseminado, principalmente, pela literatura e pelo cinema, permitiu que os valores vigentes de uma época fossem unificados em torno de uma identidade integral ou como sujeitos participantes de uma comunidade imaginada [2]. Essa concepção de identidade estabilizou o mundo social em torno de formas coerentes, resolvidas e unificadas em uma estrutura que não estava sujeita as mudanças fundamentais. A cultura nacional não é apenas composta por instituições culturais, mas também por símbolos e representações que permitem formar uma certa estrutura de poder cultural (HALL: 2001).

A ausência de um centro norteador de todas as coisas e onde os valores são universais, permite um retorno ao que Dussel (2002) chama por sistema inter-regional. Neste modelo civilizacional, não existe um centro referencial do sistema ético, mas, um modelo alimentado por diferentes modos de vida. No mundo globalizado [3], as identidades culturais se apresentam como transitórias e sem um ponto fixo, possibilitando constituir novas fronteiras culturais: entre o popular e o erudito (CANCLINI, 1998) ou entre o nacional e o global (BHABHA: 1998). Novas fronteiras culturais implicam a redefinição dos sistemas de representação sob o efeito das mudanças nas orientações de suas coordenadas básicas: tempo e espaço. Todo o meio de representação (escrita, pintura, fotografia etc.) traduz seus objetos em dimensões espaciais e temporais (HALL: 2001). A mediação tecnológica acelera as mutações nas relações e representações sociais. O impacto das técnicas contemporâneas sobre a constituição da noção de tempo e espaço pode ser verificado na mutabilidade das

representações sociais e das identidades culturais em um espaço curto de tempo. Como é observado por Stuart Hall (2001), as identidades são formadas e transformadas no interior das representações, quanto mais velozmente se transformam, mais repercutem sobre a (re)definição identitária.

Novas identidades culturais surgem nas fronteiras entre o nacional e o global ou entre o popular e o erudito. As nações modernas são preeminentemente *híbridas* e não poderiam ser diferentes quando consideramos a presença marcante da sua estrutura relacional. A última fase da globalização, aceitando que este processo vem sendo desenvolvido ao longo dos últimos séculos, tem provocado a fragmentação dos códigos culturais com ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente, mas desta vez numa escala global. Stuart Hall (2001), argumenta que a exposição das culturas nacionais às influências externas, torna difícil conservar as identidades culturais intactas. Mas, isso não é novo, pelo contrário, os processos de *hibridação* assumem seu estado de potência com a consolidação do estilo moderno, da vida urbana, da complexificação das relações e instituições sociais. A fragmentação das identidades nacionais é o centro de uma questão que surge a partir das novas narrativas introduzidas pelos movimentos feministas e seguidas pelos discursos dos movimentos sexuais, raciais, étnicos etc. É a partir da periferia que novos sujeitos e agências emergem no cenário de organização e mobilização das forças contra-hegemônicas.

#### **SIGNIFICADOS E NEGOCIAÇÃO NAS FRONTEIRAS CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS**

Os processos de comunicação favorecem a constituição de *identidades partilhadas*, para as mesmas mensagens e imagens, e até mesmo para os mesmos bens e serviços. Para Maffesoli (1987), vivemos o esgotamento da perspectiva individualista da modernidade e a emergência de diversas *tribos contemporâneas* no cenário mundial. São relações que se baseiam na *cultura do sentimento*, estruturadas em relações “tácteis”, formas coletivas de empatia e que em muitos momentos não vão além do presente vivido. Diferente da lógica individualista, onde a identidade é, digamos, fechada, centrada no sujeito (indivíduo), na experiência tribal ela se apresenta mais “aberta”, o sujeito (persona) se constrói com

o outro, pelo outro e no outro (MAFFESOLI: 1987). Trata-se de uma mudança substancial na constituição do sujeito e consequentemente do outro. A presença do outro, que não é o EU totalizador, é parte inseparável da constituição do sujeito.

A organização social em tribos contemporâneas permite caminhar lado a lado com o desenvolvimento tecnológico ou mesmo se apoiar nele. As novas tecnologias, e em particular as do *ciberespaço*, instituem um território independente de demarcações fixas, não físicas, mas simbólicas. Concebemos o ciberespaço como uma forma crescente de *agregações eletrônicas*, estruturadas através da *conectividade generalizada*. O ciberespaço pode ser visto como um espaço liminar e que agrega processos e pessoas que podem criativamente se libertar dos controles estruturais ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem. Entre eles, podemos citar os cyberpunks, hackers etc. e que continuamente são acusados de atentar contra as convenções estabelecidas. Do ponto de vista sociológico, podemos entender esses grupos como capazes de denunciar crescentes fenômenos que mantêm uma relação dialógica com outros conteúdos da vida social contemporânea. Trata-se de processos sociais ainda pouco definidos e que demonstram a constituição de uma nova cultura, e ao mesmo tempo particular, apresenta formas articuladas com outros elementos presentes no cotidiano. Esta nova representação cultural tem sido denominada de *cibercultura* e pode ser compreendida como a mediação dos atuais meios eletrônicos com as manifestações da cultura tradicional, vinculadas às novas formas de integração social (sujeito, o outro e as novas tecnologias).

Podemos nominar estas manifestações culturais contemporâneas de ritualísticas e que continuamente constroem e interagem com símbolos formados no liminar das fronteiras culturais. Estes símbolos são constituídos no tempo não-assimétrico entre a cultura global e local e se inserem na perspectiva diaspórica da cultura. Segundo Hall (2003), essa perspectiva deve ser vista como uma subversão aos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Trata-se de fenômenos culturais que se contrapõe ao pensamento social clássico e que toma para si uma multiplicidade de referenciais para (re)definir as identidades culturais. Não se trata mais daquela perspectiva de uma identidade integral, mas

---

partilhadas entre inúmeros elementos que dão forma as identidades culturais: gênero, sexualidade, classe social, etnia etc. É o que Hall (2003), denomina de *paisagens culturais*.

Diferentes *tradições e paisagens culturais* fazem parte dessa manifestação que denominamos de cibercultura. É neste contexto, que cada pessoa, a partir de seus *pontos de referências* (tribos, grupos ou quase grupos), acolhe o ciberespaço. Através dos respectivos sistemas de representação fazem dele um *território híbrido*, continuamente modificado pelas aceleradas mutações sociais e tecnológicas. Essa intensidade de manifestações torna possível o que Bhabha (1998), denomina de *negociação*, ou seja, a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios a partir de uma estrutura interacional [4]. Participam desse processo sujeitos que, ao mesmo tempo, transitam entre o território fixo (*sociabilidade*) ao qual estão ligados e o território simbólico (*socialidade*) na qual se conectam. Uma forma dualística de se relacionar com a vida contemporânea, sendo que, a sociabilidade está ligada às formas institucionalizadas e regida por uma moral universal. Por outro lado, a socialidade agrega um conjunto de práticas cotidianas que escapam o controle social.

No ciberespaço, diante das manifestações da cibercultura, as convenções sociais se estabelecem de forma mais larga. O que é permitido e o que não é permitido toma contornos diferentes daqueles constituídos na cultura tradicional. Algumas categorias como gênero, sexualidade, nacionalidade etc. responde aos seus próprios sistemas de representação. Devem ser pensados a partir de uma lógica muito particular e não se encaixam em muitos dos nossos sistemas de compreensão. É possível encontrarmos pessoas que assumem no ciberespaço identidades que são substancialmente diferentes daquelas vividas cotidianamente: sexualidade, nacionalidade etc. Neste sentido, que podemos identificar novas identidades sociais ou mesmo uma multiplicidade de identidades assumidas conforme o contexto e as situações assim o peçam.

O conceito de negociação parece ser adequado para compreender como as relações sociais são estabelecidas no contexto cibernético. Esta perspectiva compreende que as identidades culturais estão continuamente negociando elementos diferentes, muitas vezes, antagônicos e contraditórios, sendo uma forma encontrada para lidar com os múltiplos e diferenciados referenciais.

São intervalos temporais e espaciais que ressignificam o vivido, cria uma tensão nas existências fronteiriças, no entre-lugar do ciberespaço e da realidade empírica, no entre-tempo das mediações simbólicas generalizadas e da realidade concreta, como é definida por Karl Marx. São elas que trazem um novo enunciado aos processos discursivos, introduzem novos sentidos ao que já está colocado, e dessa forma, colocam em xeque as grandes narrativas e o discurso universal.

Os meios massivos acabam desempenhando um papel muitas vezes paradoxal. Eles tanto podem comunicar enunciados que reproduzem a ordem vigente ou serem responsáveis pela circulação de narrativas que permite uma certa “visibilidade” aos sujeitos e agências sociais que se encontram as margens dos processos hegemônicos. Muitas vezes, somos interpelados por afirmativas que colocam a cultura como inibidora das pulsões. No lugar dos desejos persistem as convenções organizadas por cada cultura, ou mesmo, por uma cultura universal. No entanto, no caso da cibercultura, não podemos aferir com a mesma certeza que os impulsos são suprimidos por uma cultura modeladora. A cultura do sentimento, do presente vivido e das contravenções indica algo um pouco diferente do que vem sendo preconizado pela modernidade. Parece que a investigação dos atuais fenômenos relacionados com o ciberespaço preside de uma revisão na história das mudanças sociais, da estruturação e reestruturação dos processos que fazem da vida coletiva uma dinâmica que não cessa. Em muitos momentos, deixamos de lado o processo histórico que possibilitou a (re)definição da organização da vida em sociedade, muitas vezes, repletas de rupturas e quase sempre incompreensível a uma análise imediata.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao consideramos o papel das técnicas na definição da estrutura social de cada época, também nos deparamos com uma parte significativa do desenvolvimento da vida sobre o planeta. Cada época estrutura um conjunto de técnicas que marca o grau de desenvolvimento social e as condições concretas de produzir a vida, assim como, um determinado modo de interação social, econômico, político e cultural. As novas tecnologias desenharam uma nova topologia social,

descentralizando processos sociais por meio da conexão de pontos dispersos na malha física que envolve quase todos os continentes. A topologia contemporânea também refletiu mudanças na morfologia social, no modo como interagimos, na organização política, econômica e social, assim como, trouxe novos contornos à dinâmica cultural. Podemos perceber que as atuais transformações estão alinhadas com a densidade tecnológica contemporânea, mas, no entanto, não parece representar uma revolução mais significativa das que ocorreram em outros momentos da história.

O fato é que as mediações tecnológicas exercem uma importante influência na constituição da vida social de cada época. As novas formas são tão revolucionárias como as outras que aconteceram em outros períodos históricos. Cada conjunto de técnicas acabou modificando substancialmente a estrutura social vigente e trazendo novos elementos ao convívio social. O estranhamento da atualidade se deve à preponderância da organização moderna, ou seja, a mesma que no seu estágio embrionário perseguiu as bruxas, condenou os subversivos e tentou a todo custo manter a ordem no convívio social. O retorno, pelo menos é o que parece, de uma certa forma caótica, enigmática e subversiva no modelo de padronização comportamental traz incertezas difíceis de serem assimiladas dentro de uma estrutura social que precisa manter um ordenamento contínuo. Compreender a mudanças que estão surgindo envolve olharmos para os processos de fronteira, para a articulação da diferença, que em tempos remotos pareciam ser incompatíveis e irreconciliáveis. A diversidade foi incorporada na constituição territorial desde os últimos momentos do processo de descolonização. Convivem no mesmo território diferentes etnias, culturas, línguas, sendo esta a base de sustentação das novas formas culturais, como é o exemplo da cibercultura. O que definimos como um processo essencialmente tecnológico, mantém uma estreita relação com elementos que produzem a vida contemporânea e que podem ser estudados através dos processos liminares, da negociação das diferenças, da diáspora cultural e das paisagens culturais.

## NOTAS

\* Membro do grupo de pesquisa o *Som do Lugar e o Mundo* – UFBA. Aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

<sup>1</sup> Entendemos por sociedades tecnológicas aquelas que possuem um número considerável de processos intermediados pela tecnologia.

<sup>2</sup> Segundo Anderson (1989), a comunidade imaginada congrega elementos que passam a representar o modo de ser e existir de um dado povo. As culturas nacionais produzem histórias sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas e no qual podemos nos identificar.

<sup>3</sup> Consideramos globalização a partir do que Antony McGrew (1992) define como sendo processos atuando em uma escala global, que perpassam as fronteiras nacionais e integra os tipos de organização social em novas combinações de espaço-tempo.

<sup>4</sup> Cf. Homi Bhabha (1998), a partir de uma temporalidade discursiva, o evento da teoria torna-se *negociação* de instâncias contraditórias e antagônicas, abrindo lugares e objetivos híbridos de luta, destruindo as polaridades negativas entre saber e objeto.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict Richard. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: a idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 5ª ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resente, Ana Carolina Escosteguy e at. all. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**. São Paulo: Record, 2001.